Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v5,2023/05
ISSN 2178-6925

TIPOLOGIAS E O DESENVOLVIMENTO DO (NEO)PENTECOSTALISMO NO BRASIL

TYPOLOGIES AND THE DEVELOPMENT OF NEOPENTECOSTALISM IN BRAZIL

André Magalhães Coelho

Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Recebimento 28/03/2023 Aceite 08/05/2023

Resumo: Esse texto procura abordar as tipologias e o desenvolvimento do neopentecostalismo no Brasil. Procuramos enfatizar os principais teóricos que pensaram o (neo)pentecostalismo em suas expressões e com isso contribuíram para as futuras gerações de pesquisadores. Para este estudo utiliza-se leituras bibliográficas, de renomados pesquisadores no âmbito das Ciências Sociais e da Ciência da Religião.

Palavras-chave: Tipologias, neopentecostalismo e Desenvolvimento.

Abstract: This text seeks to address the typologies and development of neo-Pentecostalism in Brazil. We will try to emphasize the main theorists who thought about (neo)Pentecostalism in its expressions and thus contributed to future generations of researchers. For this study, bibliographical readings of renowned researchers in the field of social sciences and science of religion are used.

Keywords: Typologies, Neo-Pentecostalism and Development.

Introdução

O pentecostalismo em sua versão clássica, deixou marcas na vida das pessoas, com seu impacto de transformação, e significado simbólico. O

neopentecostalismo[1], surgido nos anos 1970, com forte influência na sociedade brasileira, deixou também sua marca, com mudanças éticas em sua teologia.

Enquanto o pentecostalismo pensava mais nas coisas etéreas, os neopentecostais, utilizavam das mídias radiofônicas e televisas, para alcançar multidões, com sua palavra positiva e material, na busca da prosperidade, enfatizando o "aqui e agora."

A religião, chamou a atenção de pesquisadores, quando perceberam que essas igrejas neopentecostais, atraíram o foco da mídia, e muitas pessoas se convertiam a esses movimentos. Os estudos pioneiros sobre essa religiosidade, foi de tal importância para a academia e estudantes que puderam perceber que no Brasil havia se transformado em um seleiro novo e fértil de pesquisa acadêmica. Desta maneira esse artigo procura, mostrar as tipologias desenvolvidas por estudiosos que contribuíram para a formação futuras de jovens que debruçaram sobre os estudos de religião em terras brasileiras. O texto discorre sobre as tipologias neopentecostais, como força reguladora e crescente na sociedade, que se apodera, legitima por meio do seu discurso, atraindo massas de fiéis. Para este estudo utilizou-se de leituras bibliográficas.

1 Início do pentecostalismo no Brasil

O livro *Nem Anjos nem Demônios Interpretação sociológicas do pentecostalismo* escrito por vários autores, em especial Paul Freston[2] que dedica um capítulo do livro para abordar uma breve história do pentecostalismo brasileiro. Ele classificou o movimento pentecostal em três ondas a primeira remetendo ao ano de 1910, com a chegada da Igreja Congregação Cristã e logo depois quase

[1] De acordo com Ricardo Mariano em seu livro Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil (2014, p. 32), a terceira onda, que teve início nos anos 1970, cresce e demarca o corte histórico institucional da formação de uma corrente pentecostal que será aqui designada de "neopentecostal".

[2] Paul Charles Freston é graduado em História e Antropologia Social pela University of Cambridge. Na University of Liverpool realizou o mestrado em Latin American Studies. Também é mestre em Christian Studies pela Regent College. É doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutor pela University of Oxford. Atualmente, é professor catedrático em religião e política em contexto global, na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, Canadá.

simultaneamente a Assembleia de Deus 1911. Elas dominaram o campo religioso, no Brasil, durante 40 anos as Igrejas vindas do exterior como a Igreja de Deus ou de cismas da Assembleia, como a Igreja de Cristo. A congregação Cristã teve um crescimento segundo Freston (1996) tímido enquanto a Assembleia de Deus crescia geograficamente. A segunda onda é de 1950 a 1960 na qual o campo religioso se fragmenta junto com a sociedade e surge em 1951 a Quadrangular, em 1955 Brasil para Cristo e Deus e Amor em 1962. Essas denominações surgiram em contexto paulista. A terceira onda inicia-se no final de 1970 e ganha força nos anos 1980 com a criação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 a Igreja Internacional da Graça de Deus 1980 essas igrejas trazem novidades em sua teologia, liturgia e estética. Essa conjuntura aconteceu no Rio de Janeiro, nas comunidades religiosas que seguem crescendo cada uma com sua identidade de época e transformações no decorrer da história. Desta maneira grupos novos podem inovar nos anos de 1980 a Assembleia de Deus não é a mesma e assim acontece com as demais. Podemos pensar em caracterizações globais, a primeira onda é o momento do contexto de expansão do pentecostalismo para todos os continentes “no Brasil, a recepção inicial é limitada, constituindo menos de 10% dos protestantes de missão, excluído os luteranos em 1980” (FRESTON, 1994, p, 72).

A segunda onda surge dos anos de 1950 se inicia quando o processo de urbanização da sociedade possibilita um avanço pentecostal que rompe com os modelos existente em São Paulo. A igreja Quadrangular aparece com seus métodos arrojados por meio da comunicação de massa existente na California dos entreguerras, depois da Segunda Guerra mundial a América do Norte e missionários católicos e protestante em particular se direciona para a América Latina, levando um novo papel e estratégias pelas missões deslocada pelo fechamento da China. Mas quem acaba com o novo paradigma, no primeiro momento não é a Quadrangular que veio do estrangeiro, mas a adaptação nacionalista. A igreja Pentecostal para Cristo, terceira onda se originou após a modernidade o processo de urbanização em massa a decadência econômica a época perdida de 1980 e se firma na cidade do Rio de Janeiro.

As origens do pentecostalismo remontam nos Estados Unidos em 1906, a arvore genealogia vem do avivamento metodista do século XVIII, que introduziu o

conceito de uma segunda obra da graça, distinta da salvação, a qual Wesley chamava de perfeição cristã (FRESTON, 1994). Na segunda metade do XIX o movimento de santidade com a influência cultural do Romantismo democratizou o conceito de Wesley em vez da busca demorada no lugar da experiência rápida e chamada de batismo no Espírito Santo. Paul Freston comenta:

> Em meio a exemplos esporádicos de glossolalia, a síntese doutrinaria que permitiu o surgimento do pentecostalismo como movimento distinto foi alcançada por volta de 1900 por um dono de escola bíblica em Kansas chamado Charles Parham: as línguas eram a evidência do batismo com o Espírito Santo. Mas o estopim do movimento pentecostal não foi esse admirador Ku-Kux-Klan que permitia que negros ouvissem suas aulas somente do lado de fora da porta, e sim um aluno negro chamado W.J. Seymour, um batista nascido como escravo, que era cego de um olho e trabalhava como garçom (FRESTON, 1994, p, 73).

O que seria com Parham, com Seymour havia acontecido diferente esse jovem cego de um olho traria a mídia internacional através do ministério em Los Angeles.

Em 1906 uma pastora o convidou para pregar em Los Angeles Seymour alugou um velho armazém na Azusa Street e começou a pregar surgiu deste então um sucesso do batismo do “Espírito Santo”. O pentecostalismo conhecido como movimento de renovação das igrejas começos a solidificar em grupos independentes e separados por doutrina. No Brasil o pentecostalismo estava apenas na sua infância que foi um fator importante para autonomia e crescimento (FRESTON, 1994, pp.74-75).

Os missionários suecos e lendários Gunnar Vingren e Daniel Berg. Os dois vieram para o Brasil na cidade do Pará onde o povo daquele lugar era simples. “A escolha do Pará para iniciar a Assembleia de Deus não foi racional, mas acabou tendo uma nacionalidade maior no sentido de se fazer presente em todo o país do que se começasse no Rio ou São Paulo” (FRESTON, 1994, p, 81). A Congregação Cristã a Igreja mais antiga do Brasil ainda predominante em São Paulo, e que tem na sua doutrina um rígido dualismo antropológico entre “alma” e “corpo” e podemos dizer que em vista das outras Igrejas pentecostais esta continua original desde a época de seus fundadores Italianos Luigi Francescon e Lombardi, em março de 1910 chegaram em São Paulo mas no inicio não foram promissores e Lombardi voltou para a Argentina e

Francescon foi para Santo Antonio da Platina PR, mas não ficou muito tempo nesta cidade e voltou para São Paulo. Em junho de 1910, pregou em italiano na Igreja Presbiteriana do Brás, provocando uma cisma, logo voltou a Congregação Cristã com 20 membros, dos quais uma parte era presbiteriano e alguns batistas e metodista e alguns também católicos (FRESTON, 1994). A Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) é a única denominação grande tipicamente Norte Americana sendo a segunda onda pentecostal foi fundada por pastores canadense entre as seis Igrejas brasileiras. Em 1950 quando dois missionários da *Internacional Church of The Foursquare* vieram para o Brasil e fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular. A implantação em terras brasileiras se dá em "alguns anos mais tarde depois da morte de Aimme, omissinario responsável, Harold Williams, fora ator em filmes de far-west. Chegou ao Brasil em 1946, e em 1951 fundou uma igreja em São João da Bia Vista" (FRESTON, 1994, p, 112). Freston ainda comenta que:

> Entre as grandes igrejas pentecostais, a Igreja O Brasil para Cristo (BCP) foi a primeira a ter fundador brasileiro, a eleger políticos e a relacionar-se com entidades ecumênicas. Foi a sensação religiosa dos anos 50 e 60. Enquanto o país vencia 50 anos em cinco, um operário nordestino em São Paulo sintetizava o espírito nacionalista e populista, construindo um operário religiosos autônomo jamais visto até então no Brasil. Mas não durou (FRESTON, 1994, p, 117).

A BCP foi construída a partir de afirmações publicitarias do seu fundador, nem ao passar dos anos a mudança da Igreja nem transformações sociais pode enterrá-la. Ela continua enchendo os templos da Pompeia e Manoel de Mello continua sendo seu protótipo pentecostal progressista e ecumênico.

A igreja pentecostal Deus e Amor fundada pelo pastor David Miranda foi o quarto de cinco filhos paranaense. "A família tinha certas condições financeiras, mas Miranda estudou somente até o ginásio. Vindo a São Paulo, deixou a prática católica, convertendo-se na pequena igreja Jerusalém" (FRESTON, 1994, p, 126). Em 1962, quando tinha 26 anos de idade e desempregado utilizou-se da indenização alugou um local na Vila maria e começou seu próprio ministério. A terceira onda pentecostal crescia em 1980. A Igreja Universal do Reino de Deus é fruto de uma internacionalização mais categorizado no cenário brasileiro fundador Edir Macedo, em

1977, a IURD começa a desenvolver na década seguinte. Um outro grupo neopentecostal a Igreja Internacional da Graça de Deus, foi criada em 1980 por RR. Soares, cunhado do Bispo Edir Macedo, após um cisma na IURD (FRESTON, 1994, p, 131).

A *IURD* normalmente é vista como evangélica para a maioria dos evangélicos devido seu status como princípio protestante apenas em quentão da bíblia somente, mas por trás a um sensacionalismo presente e muito acentuado a conversão é uma constante adoração a Deus, leitura da bíblia e a vida de pureza e santidade, caso o fiel esteja indo de contramão ele precisa voltar para a igreja e fazer seus votos e isso de uma maneira constante. A glossolalia com o batismo do “Espírito Santo” e o culto sempre é voltado para os exorcismos, as curas os milagres e prosperidade, a ética voltada para o comportamento é a vida redimida e diverge do pentecostalismo clássico as roupas, o status como uma pessoa abençoada e prospera, livre de problemas é uma marca da IURD, diferente dos pentecostais que negava o mundo em busca de uma salvação da “alma”, o contrário acontece nas igrejas neopentecostais que a uma valorização no mundo. Outra característica da Universal é o trabalho em camadas que é desenvolvido como mero assistente, obreiro, pastor e um distanciamento do pentecostalismo que tinha um código de controle do corpo, como a disciplina e prosperidades (FRESTON, 1994, p, 137). A Universal rompe com a pobreza simbólica do protestantismo brasileiro, mas a igreja utiliza símbolos, mas não há imagens para a adoração. O pentecostalismo já fazei uso da linguagem da palavra por meio de profecias, a IURD se afasta totalmente dessa liturgia protestante da palavra e faz uso da visão dos gestos, a rosa, consagrada dando significado a uma vida plenas esses símbolos criados e ressignificado pela Universal tem sido uma das suas marcas Freston comenta que:

> Uma prática central da IURD é uma adaptação da novena católica: as correntes, períodos especificados (como sete quintas-feiras) de oração, jejum e frequência à igreja, com vista à obtenção de uma graça especial. As igrejas Universal têm um esquema semanal quase idêntico:
>
> Segundas-feiras: corrente da Prosperidade
>
> Terças-feiras: Corrente da saúde
>
> Quartas-feiras: Corrente dos Filhos de Deus

> Quintas- feiras: Corrente da família
>
> Sextas-feiras: Corrente da Libertação (para “pessoas que têm problemas espirituais por obra de bruxaria, feitiçaria, macumba, inveja, olho-grande, aqueles que tiveram contato com entidade, ouvem vozes, veem vultos”).
>
> Sábado: corrente da Grandeza de Deus (problemas financeiros, “traga seus materiais de trabalho”).
>
> Domingo à trade: Corrente Sentimental (FRESTON, 1994, pp. 138-139).

Essas correntes têm como objetivo o fiel resolver problemas como fazer um processo de limpeza espiritual, por isso as práticas de jejum os dias consagrados e não adianta fazer as correntes e fazer cosias erras o indivíduo tem que obedecer a palavra e ter fé. Observarmos que o foco principal da primeira onde foi o batismo com o “Espírito Santo” e línguas estranhas glossolalia, a segunda foi a cura e a terceira a libertação pelo exorcismo e os objetos que dão significado e orientação para o indivíduo (FRESTON, 1994, p. 139). Desta maneira a IURD como faz os cultos voltados para a cura o exorcismo e os interessados a buscam para esses fins a Universal tem como um dos objetivos a vida reorganizada através da conversão que o fiel faz e o sucesso da igreja deve a maneira que o discurso religioso é interiorizado na mente do povo. As religiões afro, Umbanda e Candomblé tem sido incapaz de enfrentar a Universal isso devido que essas tradições religiosas em exceção a umbanda que é típica brasileira, mas elas não estão em simetria com a sociologia no Brasil. “Para muita gente de santo o candomblé é um corpo sem cabeça. A cabeça está na religião cristã” (FRESTON, 1994, p. 141).

Desta maneira os cultos dessas tradições africanas ficam vulneráveis na mente do cristão. No caso do catolicismo esse tolera a dupla filiação um sincretismo enquanto os pentecostais mantem a distância. Outra visão que a IURD tem que Paul Freston (1994) destaca é a expansão e a penetração na sociedade um conceito bastante forçado de missão religiosa. A televisão a Record e o radio divulga a mensagem religiosa os templos grandes isso amplia as atividades da IURD em caso da Record Paul Freston diz o seguinte:

> Com relação à Rede Record, Macedo percebeu que era mais fácil e rápido comprar uma emissora do que ganhar uma concessão, mesmo que pudesse haver problemas junto à Secretaria Nacional de Telecomunicações. Nas negociações, mostrou desenvoltura.

> "Convencido de que a família Machado de Carvalho e o empresário Silvio Santos, não teriam disposição para abrir negociações com uma igreja protestante nascida numa antiga agência funerária, contratou um empresário amigo de Sarney, para fazer as primeiras sondagens. E acionou outro empresário para aparece como cabeça de um fictício grupo de catorze homens de negócios (FRESTON, 1994, p. 143).

Edir Macedo tem mostrado bastante habilidade para comandar seu empreendimento econômico e religiosos foi mais vantajoso comprar uma emissora do que obter concessão. A organização da igreja mante o controle e facilita a inovação nos processos de modernização e uma classe de religiosos e pastores que mantem o poder de definir a mensagem (FRESTON, 1994, p. 144). A teologia desenvolvida pela IURD é uma alternativa diante da miséria do mundo e dos problemas existências é um discurso sempre voltado para a existência humana na vida concreta e não para a vida pós morte. A teologia da prosperidade é uma visão da religião moderna na qual seu objetivo é a plausibilidade em contexto vulneráveis e facilitar as expectativas da população no caso dos que buscam a religião para obter favores divinos. "É a brecha para a TP, um discurso religioso negado da pobreza, rejeitando a tradicional teodiceia cristã" (FRESTON, 1994, p. 148). A ideia de que a pobreza é fruto do mal e para o indivíduo se libertar é preciso obedecer a Deus, seguir os seus caminhos dar o dízimo e as benção do céu será derramado na vida do dizimista. Outro Ideal da IURD não é tornar-se autônomo, mas sim empregador na igreja as práticas financeiras de capital, os jornais produzidos pela Universal têm sugestões de como seguir o exemplo de pessoas bem-sucedida por meios das práticas litúrgicas da igreja. Para Freston:

> A mensagem da IURD, então, pode representar um reforço para a ética do trabalho e para a iniciativa empresarial num contexto adverso. Mas, ao contrário do puritanismo popular da clássica "ética do trabalho protestante", separa as questões de prosperidade e salvação. Falta-lhe o forte mecanismo psicológico (angústia quanto ao destino eterno) que teria impedido o puritano médio (mesmo em contradição com a sua teologia oficial) à busca racional da prosperidade (FRESTON, 1994, p. 150).

Desta maneira a ética da Universal é de enriquecimento através do discurso religioso e da audaciosas práticas *Iurdiano.* Outra maneira da igreja mostrar que é bem-sucedida é devido ao poder de Deus, os carros, casas, sustentando uma vida vitoriosa, se não fazem mais sacrifícios como os pobres, porque já são ricos não

precisa ser exemplo a sua riqueza é o exemplo perfeito para quem quiser seguir. Percebemos que boa parte do discurso da Universal se mantem no aspecto financeiro da igreja, toda organização religiosa tem a necessidade de dinheiro para viabilizar seus empreendimentos, neste sentido as comunidades religiosas tentam diminuir esta verdade, logo que possam, mostrar seu extrato financeiro " são as seguintes: financiamento do Estado ou do exterior; rendas ou lucros de atividades econômicas; dinheiro do fiéis por meio de doações ou de cobranças de serviços" (FRESTON, 1994, p. 151). Nestas práticas a IURD não pode vender suas indigências, mas tem que através de um discurso da prosperidade dar promessas para quem precisar de alívio para os problemas da vida e tem que ser de imediatos e intramundanos. Para alguns membros da igreja essas doações ou ofertas são práticas comuns como um gasto na compra de remédios, roupas ou algo que tenha para sentido imediato. "A doação encarna o compromisso com o padrão novo e, como tal, não é necessariamente contraproducente da perspectiva da economia doméstica" (FRESTON, 1994, pp.153).

2 Sociologia do novo neopentecostalismo Brasileiro

Em seu livro *Neopentecostais Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil (2014)* Ricardo Mariano[3] fez uma extensa pesquisa sobe o novo movimento que vem crescendo e ganhando espaço em terras brasileiras, na primeira metade da década de 90 com pesquisas empíricas observando sobre tudo na região metropolitana da Grande São Paulo, entrevistas que veio se transformar em sua obra que abriu caminhos para um novo tipo de Neopentecostalismo mais alinhado à teologia da prosperidade e com a vida concreta das pessoas, fazendo uma ruptura do pentecostalismo ascético e se libertando de estereótipos com vertente mais sobrenatural. Em anos anteriores ao surgimento desta nova vertente do protestantismo seria inconcebível pensar em que adeptos ao pentecostalismo fosse aos cultos oferecer orações e negociações cósmicas em trocas de favores, como convidar outras pessoas de outros tradições religiosas frequentar seus cultos. Essa ruptura mostra que essa nova maneira de religião mais terrena e menos etérea vem chamando a atenção de pesquisadores em todo mundo com sua maneira televisiva e

[3] Ricardo Mariano atualmente é professor universitário da universidade de São Paulo USP.

midiática de oferecer seus cultos a quem se interessar. A liturgia em dizer que todos que aceitarem Jesus em seus corações e se manterem fiéis vão protegê-los de sofrimentos e abençoá-los como Mariano (2014) observou uma espécie de prontos-socorros espiritual com promessas de curas físicas ou da "alma", libertando de seus demônios e problemas familiares e individuais. O Pentecostalismo nunca foi análogo dessa sua formação sempre teve diferenças internas segundo Mariano (2014) a "Congregação Cristã e Assembleia de Deus, as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil, a primeira em 1910, a segunda em 1911 sempre apresentou claras distinções[4]" (MARIANO, 2014, p.23). Com a chegada de missionários em 1950 a Igreja do Evangelho Quadrangular teve uma fragmentação e um proselitismo e com práticas inovadoras e institucionais de se relacionar com os frequentadores da época.

Para Mariano (2014) os neopentecostais têm uma característica com o rompimento com a velha ideia ascética pentecostal com busca da salvação a rejeição do mundo com isso surge uma nova teologia mais preocupada com as questões do cotidiano a busca da salvação da pobreza e do sofrimento ocasionado pelas crises biográficas da vida. Ricardo Mariano comenta:

> O apego dos neopentecostais ao mundo é indisfarçável. Em contraste, sobretudo, com o pentecostalismo clássico que enfatiza a salvação celestial e exorta constantemente o fiel a permanecer firme na fé diante da proximidade do juízo final, a preocupação primordial que transparece na mensagem neopentecostal é com esta vida e com este mundo. O que interessa é o aqui e agora. E, para isso, nada melhor do que ter Cristo no coração, meio infalível de alcançar a vitória sobre o Diabo e obter a retribuição divina agora e sempre. A teologia do Domínio e a Teologia da Prosperidade, ao dedicarem-se inteiramente a este mundo e a esta vida, para resolver magicamente problemas cotidianos dos fiéis, distanciam o neopentecostalismo da escatologia pentecostal clássica pré-milenarista, baseada na eterna e resignada espera do retorno de Cristo (MARIANO, 2014, pp.44-45).

Percebemos que Mariano (2014) trabalha com a ideia de um rompimento do neopentecostalismo com o legalismo pentecostal os símbolos se deixam menos visível a preocupação com a vida etérea com o desapego do mundo e com a vaidade

[4] A um consenso entre pesquisadores à classificação das primeiras igrejas pentecostais estabelecidas no país. A Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus são denominadas clássicas reproduzindo uma tipologia norte-americana.

desparecem com a teologia dos neopentecostais. Outra característica desses movimentos é sua aproximação com os meios de comunicação, radio, tv e internet que levam suas mensagens e uma aparente conquista material e sucesso profissional para alcance de todos que buscam pelo milagre, assim como a vida restaurada, casamentos a conquista de bençõe, e curas da depressão de vícios como o álcool ou o uso de drogas. Dessa maneira as Igrejas Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça, Cristo Vive e renascer, poderíamos dar outros exemplos de movimentos neopentecostais preferem investir mais pesadamente em TV do que em mídia radiofônica ou internet (MARIANO, 2014, p.46). Ricardo Mariano (2014) faz uma extensa pesquisa como ele mesmo comentou “quando dividimos o pentecostalismo em três vertentes, demarcamos suas genealogias, seus vínculos institucionais, delineamos suas principais características, confrontando suas diferenças e semelhanças” (MARIANO, 2014, p.47). Meu objetivo aqui não é mostrar ou trabalhar com todas essas tipologias, devido sua extensa obra, mas é mostrar a tipologia que foi e é motivo de fonte para a pesquisa brasileira no âmbito desse movimento que entendemos como o novo neopentecostalismo no Brasil. Outra marca que podemos classificar é o dualismo antropológico presente nesses movimentos a luta entre o bem e o mal estão presente na história do cristianismo e o pentecostalismo clássico.

Podemos entender que as diferenças referentes ao neopentecostalismo se fazem que o mundo material decorre da luta entre o reino do céu e das trevas, e desta forma consciente ou não agem cada um com o seu livre-arbítrio, os crentes engajados do lado do bem lutam para enfrentar o inimigo convictos que a vitória já esta dada devido que as forças divinas estão do lado de todo servo fiel a Deus. Diz Mariano:

> Entre os neopentecostais encontramos não apenas o dualismo ‘Deus x Diabo’. Acreditam também que o universo está dividido em dois reinos: o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino material é este nosso mundo, habitado pelos homens e pelo restante da criação divina. É o campo da batalha da ‘guerra espiritual’. É pelo seu domínio que se trava a guerra. E mais ‘o reino espiritual é mais real que o material’, dizem eles. O que ocorre neste mundo em que vivemos é reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual (MARIANO, 2014, p.113).

Percebe-se um dualismo com certo grau de afastamento do pentecostalismo clássico, Mariano (2014) ao analisar a Igreja Universal do Reino de Deus comenta que para o líder da Universal Edir Macedo os demônios são diretamente responsáveis pelos males que acontece no planeta terra. “os demônios, espíritos destruidores, estão nos germes, bacilos e vírus são a principal causa das doenças” (MARIANO, 2014, p.114). Por isso Macedo usa os “demônios” agem de acordo com suas consciências, vida social e com suas necessidades, nesta maneira os espíritos maus se apoderam da alma das pessoas e de seu corpo influenciando para atitudes malignas, ou como os vícios, brigas ou qualquer tipo de perturbação. Os sintomas que os individuas venham a apresentar-se são causados por essas manifestações malignas, e não podem ser descobertas por médicos apenas pelos pastores da referida Igreja, por esse motivo as religiões de matriz africana como a umbanda ou candomblé ou kardecismo as entidades são identificadas como demônios dando o nome de cada um deles, a partir disso a um combate contra as religiões espiritualistas e os orixás, guias, como o preto-velhos tonou seus principais coluna doutrinarias (MARIANO, 2014).

O principal objetivo é colocar medo e preconceitos, aproveitando do imaginário popular em relação a essas crenças devido a enorme popularidade que os cultos afro representa no Brasil. Nos cultos da Universal o ritual e a libertação se dão no momento da oração os pastores colocam as mãos na cabeça dos endemoniados e os demais fiéis repetem e pedem oração feita pelos agentes na Igreja. Enquanto é feito o exorcismo os obreiros circulam, pelo templo orando e olhando para os presentes em busca de demônios, com choros e lagrimas e o falar em línguas glossolalia os que entram em transe podem ser libertos tanto em seus lugares de assento quanto depois de levados e exibidos frente da congregação (MARIANO, 2014). Mariano (2014) observa que quando os possessos são levados ao púlpito a aluta se trava, mas a vitória já é certa pelo poder divino, desta maneira o condutor do ritual conversa com o demônio e começa uma entrevista, pede para que fale seu nome, provavelmente uma entidade da religião afrobrasileiros o espírito imundo fala seu dome até chegar o fim do exorcismo e a pessoa sarada é colocada de exemplo para os frequentadores da Igreja. Mariano diz:

> O pastor indaga o que o Exu está fazendo na vida da possessa. Estou matando-a aos pouquinhos, responde ele. Segurando-a pelos cabelos, o pastor pergunta com qual doença ele a infligiu. Descobre que são várias as doenças que a acometem. Interroga também o marido da possessa, presente ao culto. Este menciona várias enfermidades, a elevada quantia gasta com remédios e hospitais, cita nomes de exames laboratoriais sofisticados e de médicos famosos consultados e lamenta, apesar dos gastos e esforços, os pífios resultados obtidos até então. Do alto de sua experiência com o fenômeno, o pastor diagnostica que o problema é de natureza espiritual. Em seguida, começa por retirar Lúcifer, rei dos demônios (MARIANO, 2014, p.132).

A maneira que esses rituais são feitos na Universal é um exagero, podemos perceber que a igreja é motivo de críticas com essa ênfase de rituais e a teologia do demônio o diabo tem muita mais ênfase dentro da Universal do que fora. Mariano (2014) ao comentar sobre a Universal e a Internacional da Graça, indiferente das críticas, os adeptos desta última atribui o sacramento as coisas, objetos ungidos com poderes “sobrenaturais” se aproximando das crenças e práticas dos cultos afro e do catolicismo popular. Desta maneira o uso dos objetos é para despertar as pessoas com aquilo que é pregado pelo bispo os pastores levando os fiéis a fazer sacrifícios e por outro lado levando-os acreditarem que se atribuírem fé desses utensílios serão curados de suas enfermidades. Esses obedecem a uma função e qualidades especificas e terapêuticas, servem para curar todo mal levando a uma vida blindada dos infortúnios do cotidiano (MARIANO, 2014, p.133).

Os discursos da Universal e da internacional da Graça são repetitivos com suas abordagens religiosas, como orações, teologia da prosperidade, e para tornar-se o culto mais atraentes segundo Mariano (2014) as Igrejas variam, com a maneira de aplicar os rituais as formas de pedir dinheiro e esperar pelas bençãos desejadas. Para a Universal as sextas-feiras é o dia do descarrego para que os adeptos se libertem dos seus males são oferecidos galhos de arruda e sal e outros utensílios na verdade Edir Macedo e seus pastores estão sempre criando maneiras de rituais. “Faz ainda rituais de “fechamento do corpo”, típico da Umbanda, e a “corrente da mesa branca” que, pelo nome, evoca o kardecismo”. (MARIANO, 2014, p.135).

A Universal do Reino de Deus por meios de seu discurso midiático com forte presença na TV ataca e trava uma guerra contra as religiões de Umbanda, o

Candomblé e o Kardecismo e a Igreja Católica, e tornaram-se de certa maneira seus elementos parte integrante da própria identidade da Universal. O diabo, torna se fraco nas mãos destas Igrejas, Universal e a Internacional da Graça um inimigo humilhado e incessantemente expulso, essas religiões não seriam quem são com seu poder de combater e mostrar paras seus fiéis que os pastores são ungidos e tem o controle do divino para sempre expulsar e guerrear contra o mal. Outra observação que Marino (2014) comentou é sobre a guerra espiritual, nos anos de 1990, algumas concepções se manifestaram, nas igrejas. Esta que veio importada dos Estados Unidos no final da década de 80 e proliferou rapidamente no Brasil em igrejas evangélicas e em especial entre os neopentecostais. Esta teologia ficou conhecida como *Dominion Theology*, que se refere a luta dos evangélicos contra o diabo esta guerra é feira pelos demônios territoriais no Brasil e por sua maldição hereditária. Ricardo Mariano comenta:

> Considerados demônios de alta posição na hierarquia satânica, os espíritos territoriais estão distribuídos pelo Diabo para agir sobre áreas geográficas (bairro, cidades, países), instituições e grupos étnicos, tribais, culturais e religiosos. O nome dessa teologia advém da crença de que os demônios dominam os seres humanos pertencentes a esses grupos sociais e presentes em tais regiões, que precisam ser libertados por meio de oração ou de guerra espiritual. Por vezes, esses demônios são identificados por meio de entrevistas para conhecer suas atribuições e sua posição na escala hierárquica. Para expulsá-los, os crentes fazem intercessões nos cultos e, de preferência, no próprio local ou território que desejam libertar, evangelizar e tomar posse para Deus (MARIANO, 2014, pp.137-138).

Os espíritos hereditários são os responsáveis pela maldição da família, esta visão diz que se algum individuo teve contato com adoração de ídolos ou que fez parte de uma seita ou religião que não faz parte da igreja que adora unicamente ao Deus único essas pessoas está sob a maldição hereditária e precisa de libertação. Para se libertar o individuo tem que renunciar o pecado e as ligações demoníacas de seus ancestrais, desta maneira além das doenças, orações que não são respondidas podem ser explicadas por meio destas maldições que são herdadas pelos seus familiares do passado. Os que defendem esta teologia hereditária criam até mesmo as injustiças sociais e pobreza são maldições herdadas, o diabo se destaca no discurso como possível causa do mal é até de comportamentos impróprios das relações sociais. (MARIANO, 2014). As igrejas neopentecostais parecem moralistas,

mas nelas quase não é citado o livre-arbítrio que levam pessoas a escolherem sobre o caminho que querem seguir, se a caso cair em pecado ou alguma crise existencial será sempre uma vítima do diabo, mas se o crente estiver perto de Deus e cumprindo com as obrigações da Igreja nada o abalara, “tal vulnerabilidade ao poder demoníaco já serviu até de justificativa para atos moral e criminalmente condenável” (MARIANO, 2014, p.140).

Observamos que a luta espiritual tem sido manifestada para que o exorcismo aconteça em púlpitos e cultos das referidas igrejas neopentecostais, nesta maneira o sociólogo Ricardo Mariano observou como a religião que o crente pentecostal vive venha combater todo os tipos de males na vida, para isso o fiel tem que se apropriar do discurso frequentar a igreja e fazer parte dos rituais praticados nos cultos.

A teologia da Prosperidade vem se aproximando na vida dos adeptos neopentecostais por meio midiáticos e cultos o discurso sempre voltado a conquista material, profissional e ao sucesso, para adquirir essas bençõe o fiel tem que aceitar Jesus no coração se apropriar das riquezas que pertence já a Deus e como Pai celestial vai nos dar tudo aquilo que o pertence. Nesse sentido o crente se diz filho de Deus e foi criado para adquirir vitória na vida e a derrota não deve pertencer aos filhos e aos verdadeiros adoradores do Céus. Os adeptos neopentecostais se vêm unidos a Jesus e são destinados a uma vida completa sem doenças e prosperidade:

> Somos filhos de Deus e fomos criados para o êxito e para a vitória. Temos que tomar a firme decisão de viver cada dia em vitória, não permitindo que circunstâncias, problemas e demônios controlem nosso destino. Porque estamos em Cristo Jesus, fomos destinados para a vitória aqui na vida, não nos céus, ou no milênio ou no arrebatamento. Muitos estão pedindo o arrebatamento não porque amam a Jesus, mas porque vivem em derrotas, decepcionados, por isso desejam ir para o céu. Por que muitos cristãos não vivem em vitória? Porque desconhecem aquilo que nos pertence em Jesus Cristo. Deus te vê próspero, com saúde, vitorioso. Esta é a imagem que Deus quer que você tenha (MARIANO, 2014, p.147).

A ruptura do neopentecostalíssimo com o pentecostalismo clássico mostra muito claro, uma opção pelas coisas terrenas o “aqui e agora” e não uma visão” sobrenatural” celeste um mundo invisível, nesse caso a opção dos neopentecostais é um mundo aparentemente prospero e que seja na vida concreta. A teologia da

prosperidade que se originou nos EUA, com cultos pentecostais como crenças sobre as curas, prosperidade e um poder que vem da fé, esta teologia surgiu na década de 40, mas só começou como um movimento doutrinário em 1970 com grupos carismáticos. No Brasil nos anos 1970 essa teologia entrou em variados meios evangélicos como a Igreja Internacional da Graça, Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara nossa Terra e outras. Estas Igrejas adotam maneiras diferentes e crenças da teologia da prosperidade, mas todas elas têm algo em comum que essa teologia oferece, para fazer que os seres humanos sejam felizes nesta vida. Os pastores destas comunidades religiosas gostam de exibir bens, saúde em boas condições de vida fazendo demonstração de que tudo está dando certo e sem preocupações, Mariano (2014) comenta que “muitos líderes pentecostais recriminam tais crenças, tanto por razões teológicas quanto pelo fato de que seus fiéis são escancaradamente pobres. Os adversários dessa teologia a acusam de atentar contra a soberania de Deus” (MARIANO, 2014, p.140). O fato é que muitos desses pastores que são contra a teologia da prosperidade o que tem mostrado que aqui no Brasil essa teologia tem aproximado multidões e enchendo templos neopentecostais. Por isso esta teologia está mudando a concepção e operando e promovendo forte invenção de valores com uma fé mais terrena concreta e não etérea, não visualizando uma salvação da “alma” ou do “corpo” ou redenção após morte. Mariano comenta:

> Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto sacrifício, isto é, a “mensagem da cruz” que apregoa o ascetismo negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade , sucesso e poder terreno (MARIANO, 2014, p.158).

A teologia da prosperidade podemos observar na citação que revoluciona o velho ascetismo pentecostal. Promete todo tipo de benção na vida terrena, e os que não conseguirem possuir tal prosperidade é porque tem pouca fé ou algo de errado em sua vida com Deus. Fazendo-se uso da leitura literal da bíblia dizem que Jesus veio ao mundo pregar ao evangelho e curá-los dos seus males como restaurar todo

tipo de enfermidades e quem crê em Jesus tem uma vida prospera e rica aqui na terra. Nesta visão “Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais. Durante muito tempo o Diabo obscureceu a visão dos crentes a respeito destas verdades” (MARIANO, 2014, p.159).

Outras características dos cultos neopentecostais são em relação aos dízimos para a teologia da prosperidade dar certo o fiel tem que dar seus dízimos, com fé e caso de algo errado o crente não receba em sua vida tal prosperidade é porque não foi dado com fé é preciso novamente fazer um voto com Deus e dar seus dízimos com o coração aberto acreditando que a vitória já está certa. A interpretação que muitos pastores brasileiros fazem em relação a ofertas e dízimos em especial a teologia da prosperidade é que o pecado cometido por Adão e Eva desfez a comunhão e o relacionamento que a sociedade tem com Deus e voltar a acertar as contas com o divino tem que aceitar Jesus no coração e se arrepender de seus pecados (MARIANO, 2014, p.160). Muitos dos discursos neopentecostais se baseiam nessas interpretações literais da bíblia. Vejamos:

> Deus promete ao dizimista ricas benção e, de repreender o devorador. Certamente Deus está se referindo a todo espírito de miséria, de pobreza e de injustiça que rouba, mata e destrói o homem. Existem demônios atuando sob a direção da Satanás no sentido de levarem os homens à miséria e á pobreza indignas. O negócio que Deus nos propõe é simples e muito fácil: damos a Ele, por intermédio da Sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e em troca, recebemos d’Ele bençãos sem medida. Quando damos nossas ofertas para a obra de Deus, estamos nos associando a Ele em seus propósitos (MARIANO, 2014, p.161).

Desta maneira Deus não pode deixar de cumprir suas bençãos na vida de quem é dizimista ele cumpre porque está escrito na bíblia, o criador não tem escolha se não cumprir suas promessas cabe somente os seres humanos obedecer a sua palavra dar com fé as ofertas e as prosperidades divinas vão derramar sobre o fiel. Mariano (2014) comenta que nos cultos da Universal, além de darem suas ofertas os dizimistas são orientados pelos discursos religiosos a serem empreendedores e não meros funcionários Deus tem o direito de cumprir sua obrigação com o ofertante. “Para enriquecer, portanto, não adianta apenas confessar a fé correta e exigir seus direitos. Devem trabalhar, ser astutos e aproveitar as oportunidades. Semanalmente, a

Universal realiza a “corrente dos empresários” (MARIANO, 2014, p.160). O discurso moral na Universal tem moldado as vidas de seus adeptos não é apenas um discurso religioso, mas uma disciplina em relação ao mundo do tralho como se fosse de fato uma consultoria de uma empresa. As promessas de prosperidade vêm acompanhadas com um discurso prospero como alguém, que conseguiu de a noite para o dia ficar muito rico.

As bençãos prometidas e reivindicadas são sempre atreladas com a oferta na teologia da prosperidade á fé é manifesta pelas ofertas e dízimos oferecidos na igreja Deus prometa as coisas mas para isso o fiel tem que dar com generosidade e demostrar sua fé, que é o canal para restabelecer a sociedade com o divino, nesta maneira sem a ação do membro da comunidade Deus nada pode fazer para o ajudar em suas fraquezas para isso precisam ter uma fé clara e objetiva que tudo pode aquele que dar a vida a todos, apenas devem se manifestar dizer que tem confiança e declarar que já tem posse nos negócios que Deus já deu a vitória para seus filhos fiéis é preciso entender que não é o Senhor que deve tomar a iniciativa mas sim o crente que manifesta o desejo de possuir as coisas (MARIANO, 2014, p.168, 169).

3 Organização e marketing, em empreendimento neopentecostal no Brasil

Uma das muitas obras sobre neopentecostalismo que virou referência para a pesquisa no âmbito do pentecostalismo brasileiro foi do professor Leonildo Silveira Campos[5] em seu livro *Teatro, Templo e Mercado. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal (1997).* Onde ele toma como novo paradigma do sagrado o estudo da Igreja Universal do Reino de Deus, ele procura trabalhar com a ideia de *Teatro, Templo e Mercado* onde o conceito de mercantilização do sagrado faz que o ministro religioso ou sacerdote em vez de distribuir bens simbólicos procura através do seu serviço criar desejos no consumidor para o consumo desses bens sagrados. Leonildo Silveira Campos usa de maneira muito interessante conceitos de marketing utilizados em empresas para o universo religioso e mostra através destas

[5] Leonildo Silveira Campos é referência quando se trata de estudos sobre o protestantismo brasileiro. Atualmente é professor da Universidade Mackenzie em São Paulo.

categorias como a religião busca atrair fiéis e prendê-los em seus entretenimentos religiosos. A pesquisa que durou de 1993 a 1995 que o autor nos mostra em seu livro ao pesquisar a IURD já mostra que esse movimento ou organização de produtos religiosos como Leonildo (1997), diz já faz parte do imaginário religioso brasileiro inúmeras pesquisas, trabalhos foram publicados a respeito da referida igreja que foi fundada em 1977 na cidade do Rio de janeiro pelo Edir Macedo Bezerra.

Leonildo (1997) em sua pesquisa procurou analisar como uma igreja que surgiu de um salão utilizado para uma funerária no Rido de Janeiro alcançou um resultado de membresia tão expansivo nos últimos tempos e como o marketing foi primordial para esse empreendimento neopentecostal em que igrejas como a Casa da Benção, Cristo Vive, Cruzada do Caminho Eterno, Igreja Internacional da Graça e a Igreja Nova Vida de onde surgiram os pastores Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes, fundadores da igreja Universal do Reino de Deus (CAMPOS, 1997, p. 16).

Leonildo (1997) diferente de outros autores trabalha com a ideia de que não há rupturas, mas uma sucessão ou forma de imaginário social que são transmitas para uma geração a outra, desta maneira tais reformulações são ressignificadas, há maneira que os neopentecostais se apropriam de culturas populares já existentes.

Para Campos (1997) a IURD o seu objeto de estudo esta alinhada a essa cultura, principalmente a lógica e a estratégia de mercado. Para sua pesquisa foi utilizado como método a linguagem metafórica todo seu trabalho segue os três eixos, *“Teatro”, “Templo” e “Mercado”.* A muitas críticas em relações a esse método de estudo por dizer que as metáforas são superfícies e são meramente definições e deixa certa vacuidade. Não é meu objetivo aqui criticá-las, estou apenas levantando leituras de tipologias do neopentecostalismo. Nesta maneira os modelos teóricos de paradigmas têm orientado trabalhos de pesquisadores e demostrado importância epistemológica fundamental. Nos anos de 1960 o paradigma da secularização teve uma enorme protagonismo, mas por outro lado impediu que estudiosos da religião não percebesse que o fenômeno religioso tinha se deslocado para outras esferas o crescimento do pentecostalismo na América Latina rapidamente fez que estudiosos

olhasse para esse movimento tido como exótico e fez que essa religião se tornassem o centro de estudos empíricos do fenômeno religioso (CAMPOS, 1997, pp. 30-31).

A aplicação da metáfora que Leonildo Silveira Campos utilizou para falar de religião e processos sociais começando pelo teatro alimentam a necessidade de formas para o além do visível, dando significado e sentido para a vida. "A dramatização permite o abandono da passividade e a reafirmação de que é possível a cada um intervir na vida cotidiana graças à ajuda de uma dimensão recém-descoberta" (CAMPOS, 1997, p. 65). Nesta forma podemos dizer que a dramatização se torna um instrumento para as dificuldades da existência. Para Leonildo (1997) o pentecostalismo se tornou uma mera dramatização em espetáculo e que facilita estudarmos metaforicamente.

Desta maneira ele verificou que o agente religioso o pastor neopentecostal, desempenha a função de um gestor dramaturgo e tem como objetivo dar conexão ao universo de valores religiosos proposto pela igreja e vai se construindo um cenário lúdico onde todos são conduzidos a interação entre comunidade religiosa e o fiel é que faz parte do espéculo (CAMPOS, 1997, p. 70). Nesse sentido o sucesso da dramatização cobra que os agentes envolvidos escondam do publico aquilo que o entristece esse processo conduz atitudes desviantes, e dentro deste contexto a lógica é o desempenho e sucesso para justificar meios para atingi-los. Por isso cabe ao Gestor dirigir o espetáculo a distribuições de funções e o papel de controlar qualquer tipo de contingência que venha acontecer podemos observar que a manutenção do condutor é essencial para a confiança da direção e com isso a plateia ganha total confiança no Drama e o lúdico a caba alienando os participantes a serem guiados pelo dirigente (CAMPOS, 1997, p. 70). Leonildo comenta:

> Da análise dos cultos da Igreja Universal, assim como de outras liturgias neopentecostais, pudemos observar que eles são espetáculos a serem assistidos e com a participação dos presentes. Neles, a coreografia, luzes, atores são elementos que se unem num festival de ações, gestos e palavras, mediados pela música e poesia, em uma peculiar exteriorização do sagrado. No decorrer do culto, o espaço litúrgico se torna um teatro, onde o sagrado é construído socialmente por todos os atores, indistintamente posicionados, no palco ou na plateia (CAMPOS, 1997, p. 72).

Observamos que a IURD na sua liturgia é manifestada práticas teatrais como visual, tato, e o auditivo são primordiais, nesta maneira o ritual como a imposição de mãos, para abençoar e exorcizar que são parte das suas características. “A liturgia da Igreja Universal traz à tona uma festividade, que nos lembra a alegria do culto a Dionísio, eu quase desconhecia a repressão, a negação das coisas boas da vida” (CAMPOS, 1997, p. 70). Podemos ver um distanciamento da ética do pentecostalismo clássico e do puritanismo inglês para um eixo litúrgico estético onde pregadores se manifestam de forma criativa com gestos corporais digno de um artista (CAMPOS, 1997). A dramatização ganha espaço nos cultos e do espetáculo da fé, o cenário é parte onde os agentes religiosos circulam e se interagem com a paleteia, desta maneira esta ligado a um contexto geográfico onde se localizam o templo espaço onde atores e participantes se comunicam. Para Leonildo (1997) os objetos de cultos vão surgindo alguns aparentemente aparece nos corredores da igreja ou nos enfeites da mesa e são trazidos por obreiros e desta forma alguns utensílios são abençoados e oferecido aos fiéis. “Assim, aparecem a “rosa abençoada”, o óleo da benção”, a “água orada”, as “pedras do Sinai”, o “pão de Israel”, a “água do Rio Jordão”, a “areia do Sinai, o ‘galho de arruda” e uma infinidade de objetos distribuídos gratuitamente, mas disponíveis após a participação das pessoas no ritual do ofertório” (CAMPOS, 1997, p. 77).

Para a realização dos atos litúrgicos da IURD é necessária uma localização e espaço onde a dramaturgia vem acontecer e onde o publico venha ser reunir para a observação e integração do espetáculo. Leonildo Silveira Campos ao falar de templo protagoniza a metáfora utilizada como método de investigação do local de culto onde o sagrado encontra sua morada (CAMPOS, 1997). Os templos têm como origem o local onde os deuses se encontravam e onde as pessoas iam buscar orientações e uma conexão direta com o divino. Leonildo observou que:

> Para os neopentecostais de um modo geral, o espaço onde o homem vive está pleno de poderes divinos em luta com os rebeldes poderes diabólicos. O território está longe de ser neutro na terrível guerra entre Deus o os demônios, porque uma “guerra espiritual” está em andamento, exteriorizando-se através de lances, em que os poderes, divinos ou satânicos, conquistam pessoas, populações e territórios (CAMPOS, 1997, pp. 126-127).

Essas crenças de poderes “sobrenaturais” que observamos nos espaços litúrgicos dos templos abre caminho para dizer que as igrejas são locais onde Deus atua e onde os fiéis em busca desta força divina encontram forças e vitórias sobre as crises biográficas da vida. Desta maneira Deus age nos templos, os pastores se juntam para a corrente de oração com acanto, jejuns para invadir o território adversário e oferecer súplicas a o sagrado e ungindo os objetos dando significado a cada um deles. Como bem observou Leonildo (1997), a IURD há uma relativização onde o espaço é o lugar de refúgio onde os adeptos buscam proteção e seguem direção dos agentes religiosos a sim como a participação nos rituais *Iurdiano*. Desta maneira o templo é o lugar de prestação de serviços, libertações, magias, curas e orientações.

> A arquitetura dos templos da Igreja Universal reflete essa perspectiva ao propor um modelo voltado a participação e não a contemplação. Os templos católicos convidam os fiéis para a contemplação do transcendente, por meio dos vitrais coloridos, imagens, altar, altas torres, o toque do sino, colunas majestosas e de outros estímulos visuais. Os templos neopentecostais contêm sempre um palco e uma plateia e, muitas vezes, um corredor por onde o animador da plateia passa distribuindo bençõe, toques sanadores e palavras abençoadas. Assim, junto com os pastores e obreiros, o povo participa e constrói o momento litúrgico. com mita ação e pouca contemplação. Nesse espaço, é possível encontrar os “oráculos de Deus” e gozar de uma intimidade com ele, graças às palavras e ações dos pastores, “homens de Deus”, metáforas que traz consigo uma promessa que, para se concretizar, exige uma interferência de um “Deus dos Milagres” (CAMPOS, 1997, p. 137).

A diferença entre o protestantismo e as variações desta tradição religiosa sempre foi da palavra, enquanto o catolicismo foi voltado mais para a mística e a contemplação. As igrejas pentecostais nos cultos têm manifestações calorosas, como bater de palmas, palavras, cantos e expressões corporais. Nos templos da Igreja Universal do Reino de Deus, os dias são sacralizados as horas são padronizadas, divididas em linguagens, ritual e pagamento de promessas. Ao lado desses dias sagrados a também atividades e períodos de festas e semana especiais, observamos que a IURD é bem criativa nas suas maneiras de divulgar para os fiéis suas atividades (CAMPOS, 1997, p. 154).

A dramatização é um elemento bastante importante nas campanhas de fé, as atividades de determinados grupos de frequentadores se determinam pelo espaço, os lugares, contudo, se tornam mais importantes. “Os locais onde os *iurdianos* se

reúnem, aparentemente, possuem espaços superiores às necessidades demais parte das atividades ali desenvolvidas e, por serem amplos" (CAMPOS, 1997, p. 149). Leonildo Silveira Campos em sua pesquisa comenta-nos que os ritos da Universal se entrelaçam com os obreiros e adeptos com desafios em nome de Deus, estes são desfiados a aprender a exigir aquilo que tem por direito por seres filho do divino, desta maneira a Igreja se torna uma religião e um espaço onde as provocações e desafios, e por isso que a participação dos rituais, seja por campanha deve se colocar em direção aos objetivos da IURD. Leonildo comenta:

> A seguir o pastor subiu na mesa, ajoelhou-se e encostou a cabeça sobre o dinheiro, deixando sob o tórax e ventre o dinheiro arrecadado, iniciando uma oração de consagração do dinheiro coletado naquele momento. A imagem, vista de uma perspectiva freudiana, permite uma imediata ligação entre sexo e dinheiro. No entanto, cenas de desafio como essas são comuns na Igreja Universal e nos seus programas de rádio ou de televisão, pois tudo é feito de uma forma que não resta ao receptor, de casa ou da plateia senão tomar uma atitude diante dos demais. Essa atitude pode ser a de ir à igreja e contribuir, ou ir à frente e apresentar o seu "sacrifício" se a pessoa estiver na plateia. A premissa básica é a de que o indivíduo não pode ficar "envergonhado" diante de Deus ou das outras pessoas (CAMPOS, 1997, pp. 154-155).

A IURD em sua liturgia mostra que os duelos religiosos entre o fiel e Deus devem acontecer de forma que o que pede deve comprovar por meio da sua fé que tem direito sobre as propriedades que já estão em seu nome, caso isso não ocorra provavelmente há falta de fé ou incredulidade por parte do adepto da igreja. Observamos até aqui o que Leonildo Silveira nos apresentor em seu livro, sobre as metáforas "teatro" "templo" e pode ser também traduzida por ele como "mercado", agora vamos analisar esse contexto econômico. A "mercantilização" da religião deve ser analisado com cuidado devido ao nome dado como serviços oferecidos no campo religioso, porém a "mercantilização do sagrado" deve ser vista no sistema capitalista de modo que tudo entra na lógica do mercado, por que a religião também não deveria entrar? (CAMPOS, 1997, p. 166).

Para Campos (1997) o cristianismo já surgiu em uma sociedade habituada nos valores do mercado o sagrado "no primeiro século de nossa era, em muitos santuários religiosos de tradição asiático-greco-romana praticava-se um intenso comercio ao redor do espaço sagrado" (CAMPOS, 1997, p. 167). Desta maneira o templo de

Jerusalém era controlado por grupos religiosos que cobravam pelos sacrifícios regulares de animais, não havendo um padrão de moedas únicos exigias se um cambista para trocar a moeda do peregrino pela moeda do templo. Temos insistido que as religiões fazem sucesso quando tentam se adequar as necessidades e desejos de um público-alvo (CAMPOS, 1997). Para Leonildo:

> Entretanto, palavras como “escassez”, “necessidades” e “desejos”, usadas para caracterizar situações vividas pelos indivíduos, antes de encontrarem determinadas soluções para seus problemas, podem se tornar conceitos subjetivos, caso não venham acompanhadas de evidências claras, que demostrem quem tem carência, de quê em que circunstância. Isso é valido também para o contexto da satisfação religiosa. É o que tentamos fazer ao mostrarmos as carências que as pessoas disseram ter e as quais sentiram serem satisfeitas por ocasião da adesão à Igreja Universal. Julgamos que são as carências, que facilitam a constituição de um espaço de trocas de bens simbólicos nesses templos\religiosos (CAMPOS, 1997, p. 199).

Desta forma Campos (1997) comenta que o recrutamento religioso sempre teve essa característica de ir atrás dos desejos não resolvidos das pessoas, e faz parte de nossa sociedade tentar buscar soluções ao sofrimento e angústia. Leonildo (1997) faz referência a um psicólogo estadunidense que estudou as relações sociais e hierarquizou as necessidades humana de forma de pirâmide. Veja o exemplo:[6]

Pirâmide das necessidades

[6]Disponível em: < https://www.google.com.br/search?q=piramide+das+necessidades&hl=pt> Acesso em: 31 mai. 2020.

ISSN 2178-6925



Fonte:<https://www.google.com.br/search?q=piramide+das+necessidades&hl=pt>

Maslow colocou o exemplo das necessidades fisiológicas e são fundamentais para a sobrevivência humana como água, comida, descanso, sono e outras. Para Maslow somente depois de ter experimentado e ter condições básicas de vida que o ser humano poderia experimentar e ter segurança, nesta categoria, estão a base física e psíquica, na seguinte estão a social, ou seja, de afeto com seus amigos, familiares, grupos etc. A necessidade de estima e autorrealização status quer determinar realização autoconhecimento e autodesenvolvimento. Mas sabemos que cultura é a base de construção é através dela que o ser humano tem orientação, sentido e satisfação social e pessoal. A religião é também uma base de cultura à medida que participamos dela vamos sendo conduzido pelas estruturas criadas, a sociedade age como reguladora, e cria desejos, os desperta o interesse das necessidades (CAMPOS, 1997, pp. 201- 202). Para Leonildo:

> A proposta de vida que a igreja Universal passa aos fiéis pode ser analisada também à luz dessa hierarquia de Maslow. A distribuições de alimentos, as promessas de cura física e mental atraem pessoas necessitadas. Aos inseguros de uma sociedade em rápidas mudanças sociais, ela acena com a teologia da prosperidade e com a ideia de um Deus que dá segurança psíquica e espiritual, capacitando as pessoas a enfrentarem as mudanças. A comunidade dos que cultuam, mesmo segmentadas por interesses, ou talvez por causa de seus mecanismos de classificação do público, oferece um ambiente para o desenvolvimento de sentimentos de pertinência (CAMPOS, 1997, p.202).

Um outro aspecto que Leonildo Siqueira (1997) compara a Igreja universal é com o marketing, desta maneira o marketing envolve, o conhecimento de mercado a sua maneira é um olhar o ponto de vista do cliente as técnicas para conquistar vender um determinado produto. Para Campos (1997) a “mercantilização” não explica de forma relevante o crescimento desse empreendimento religiosos, é preciso entender as estratégias a propaganda e publicidade que é feita através do religioso, por meios das mídias. O marketing trabalha com técnicas vinda da administração e são empregadas para atingir um resultado, como tal de forma de olhar a realidade e extrair dela desejos que levam ao consumidor a possuir bens.

A religião tem um sentimento que une as pessoas em um ambiente tido como sagrado e une em uma visão que dá sentido e orientação para a vida, o marketing como teoria serve para explicar mesmo que parcialmente o comportamento social Leonildo (1997) comenta que “o discurso da Igreja Universal e de outros empreendimentos neopentecostais? “templo” teatro” e “mercado” sãos espaços sociais contínuos de uma sociedade, que usa a lógica do mercado como seu horizonte de plausibilidade” (CAMPOS, 1997, p. 206). A televisão é um veículo importante para o desenvolvimento do neopentecostalismo a Universal do Reino de Deus desenvolveu todo um trabalho voltado para esse meio de comunicação, a propaganda feita provoca mudanças no comportamento e no pensamento das pessoas e o objetivo final é levar o ouvinte para fazer parte desse empreendimento religioso e com isso alcançar um numero de adeptos desses movimentos, dessa maneira a Igreja consegue coordenar a propaganda da televisão com as atividade do templo muito mais do que seu concorrentes, isso faz a desvinculação daquelas propagandas que aumenta sua atividade televisiva para ganhar clientes (CAMPOS, 1997, p. 294). Dessa propaganda é usada uma retorica que conduz o fiel a acreditar que o obreiro ou o pastor são realmente portadores da voz de Deus.

> A retórica da Igreja Universal do Reino de Deus, como uma forma de construção simbólica da realidade, está presente diretamente na Televisão Record por mais de 60 horas semanais, indiretamente em muitas outras oportunidades e 24 horas por dia em sua rede de rádio, tendo por finalidade atrair novos adeptos e manter os que já aderiram à sua pregação. Dessa maneira, ouvintes e simpatizantes são estimulados em suas emoções, recebem promessas de soluções para seus inúmeros problemas, e a garantia de uma troca vantajosa para ambos os lados (CAMPOS, 1997, p. 302).

Esta pesquisa feita pelo Sociólogo Leonildo Silveira Campos foi na década de 90, por isso este dado deveria ser analisado hoje, mas o que importa aqui é a maneira que a Igreja utiliza de sua retorica religiosa fazendo chegar até o ouvinte de maneira clara e objetiva, fazendo que os que ouvem a mensagem participem de suas informações. Para explicar como a retórica induz os fiéis Leonildo (1997) se apropria da teoria de Peter Berger sobre a *Exteriorização, Objetivação e Interiorização*. A externalização é quando o ser humano determina padrões, regras e leis conforme suas necessidades antropológicas de acordo com os instintos subdesenvolvidos. A objetivação é o processo criado pelo ser humano como regras e leis que confrontam com a subjetividade como algo exterior ao homem, levando a um processo de alienação por uma realidade que ele mesmo criou.

A internalização é quando as coisas criadas e estabelecidas passam a gerar o criador e a socialização passa a formar o ser humano, ou seja, os processos sociais começam a engendrar o indivíduo em sua consciência. Nesse sentido as pessoas por necessidades de ouvir aquilo que as confortas criam suas objetivações e o discurso *Iurdiano* interiorizam das mentes dos fiéis dando sentido para suas vidas e credencia sua legitimidade como o milagre, a cura e os prodígios da palavra e dos slogans, levando o receptor a aceitar a sua legitimidade organizacional (CAMPOS, 1997, p. 301). Desta maneira legitimações são as respostas e perguntas sobre o “porque” das invenções institucionais. Toda a estrutura social construída e marcada por ameaças e vulnerabilidades e são elaboradas perguntas para questões de anomias sociais e cósmicas. As legitimações precisam ser repetidas especialmente importantes para uma situação de crise individual ou coletiva ou mais abrangente, não somente para explicar determinada situações improváveis, mas qualquer disciplina ou questões políticas e ideológicas precisam também serem legitimadas. A ordem social deve ser explicada devido aos desafios que enfrentam, percebemos que a legitimação ocorre em vários níveis no contesto social e cósmico. Leonildo comenta:

> Os “milagres” são as famosas pistheis atechnoi, as provas extrínsecas sacadas de uma coleção e devidamente organizada pelo orador. O imaginário popular-cristão-judaico é o “lugar” de onde provém a maior parte desse “conhecimento estocado”, expresso em histórias e evento narrados no Antigo e Novo Testamento. Todavia, na retórica iurdiana, a Bíblia é

> apenas uma dessas “províncias de significados”, conforme categoria de Alfred Schutz (1979), e assim mesmo, sujeita a uma leitura simbólica. Além dessas “tópicas”, a Igreja universal também saca daqueles lugares comuns encontrados no conhecimento religioso católico popular, afro-brasileiro e de um “deposito” internacional de mitos e símbolos disseminados pela mídia em nível mundial. A habilidade de seus locutores está exatamente em conciliar, retoricamente, todo esse material com os modelos existentes no meio em que vice o receptor (CAMPOS, 1997, p. 304).

Desta maneira para Leonildo (1997), diz que tudo na Igreja Universal é um ato retórico, o culto as manifestações corporais e as liturgias. O membro dentro desta construção simbólica vê despertar dentro de si uma força que dirige o espetáculo e as ações coletivas. O pentecostalismo por ser um movimento fortemente de comunicação, exposição corporal e verbal e por outro lado como força legitimadora que tem por meio dos seus discursos moralista regula o comportamento humano em prática religiosa até que vire hábitos, ou seja, dado como certas determinadas atitudes que levam os indivíduos ou grupos se envolverem com seus projetos doutrinários (CAMPOS,1997, p.305). A Igreja apresenta-se como responsável pelo desencadeamento da ação do fiel e por isso, é fundamental colocar a fé em ação o pastor como proprietário dos bens simbólicos conduz os adeptos nas suas crenças que acontece no templo, virando um despertar místico religioso e dessa maneira o público acaba tendo esperança de uma vida melhor e deixando se levar pelo discurso retórico. Essa manifestação que acontece nas Igrejas pentecostais sempre é devido a magia que sai da oratória que o religioso interioriza em sua psique como certa as palavras apenas delegam os referenciais simbólicos que o fiel que ouvir e representa para os adeptos *lurdianos* motivos que facilita a sua abertura com essa Igreja.

4 Pentecostalismo no Brasil, interpretação sociorreligiosa

Francisco Cartaxo Rolim[7] em seu livro *Pentecostais no Brasil. Uma interpretação socio religiosa (1985)* onde ele analisa o fenômeno religioso como uma religião de classes operarias fazendo uso de Max a salvação e aceitação não surgem das crenças mas sim do contexto social que se encontram, analisou que o pentecostalismo carregado no século XX desempenhou um papel de extrema importância na vida dos marginalizados, Assembleia de Deus foi uma das igrejas que foi mais descentralizada no pais, enquanto a Congregação Cristã ficava em São Paulo a Assembleia foi pontilhando no Norte, carregada pelas camadas pobres da população brasileira. Essa massa de povos marginalizados encontrou nos cultos pentecostais possibilidade de melhoria de vida e nas celebrações momentos propiciadores da espontaneidade religiosa. Neste contexto de época o pobre começava a ter um certo protagonismo em templos que ele mesmo ajudou a construir e consideravam como seus. A glossolalia e as liturgias que a Assembleias veio fazer despertava o povo para suas aspirações, a diferença da Congregação Cristã coma a Assembleia fazia que uma era mais rígida nos costumes enquanto a outra sempre foi, cantos e orações.

A espontaneidade do povo das igrejas de camadas pobres fazia que eles se sentissem livres cada um fazendo suas orientações religiosas uns orando, cantando exclamando aleluia a Deus (ROLIM, 1985, p. 43). Os cultos serviam como intercâmbios havia cumprimentos de mais, abraços, tinha pessoas que ofereciam ajuda para quem precisasse assim os fiéis não se achavam isolados e todos se relacionavam com alegria. Rolim (1985) observou que as orações promovidas pela igreja marcavam uma forte experiência e presença do crente nestas liturgias. “A espontaneidade e a liberdade de gestos tomam conta destes orantes em busca do dom de orar em línguas e de outros, como o de profecia” (ROLIM, 1985, p. 45). Muitos cantos vozes que quebram o silêncio e depois muitos saiam para suas casas, mais satisfeitos do que cansados. Rolim (1985) também nos lembra que fortes fatores que impulsionavam essas devoções pentecostais em uma época em que o catolicismo tinha a presença do culto a devocional e protetor, malgrado esses foram substituídos

[7] Francisco Cartaxo Rolim, formado em Sociologia, tem se dedicado aos estudos Eclesiais de base e o pentecostalismo.

pela bíblia os santos eram deslocados de um lugar para outro agora o crente que ora onde quer e faz suas manifestações religiosas onde achar melhor. Para Cartaxo:

> Cada crente é um porta-voz de sua fé. proclama-a sem respeito humano e com fervor proselitista. A onde chega semeia sua crença como planta nova. E aqui entra o segundo elemento concretamente vivido pelas populações nortistas e nordestinas, sobretudo a imigração inter-regional. cada crente se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar onde vai morar. Não espera a construção de um templo, nem mesmo pela chegada de um pastor. Estabelece o culto em sua própria casa, nas periferias das cidades ou vilas, ou mesmo na área rural. Simples crentes, improvisa-se pastor. jamais será reprendido nisso (ROLIM, 1985, p. 46).

O crente pentecostal comentado pelo sociólogo Francisco Cartaxo, tem plena liberdade não se sente constrangido nem preso algum tipo de dogma, para levar sua fé e a crenças onde desejar. Com a leitura da bíblia sente-se encorajado para a pregação, gente simples da época que não tinha a oportunidade das narrações bíblicas agora diante dos seus olhos tem autonomia de se sentir gente a novidade se espalhava rápida assim a bíblia foi a base religiosa da nucleação (ROLIM, 1985, p. 47). Desta maneira os processos de imigração social religiosa em contrapartida pelo catolicismo e as paroquias, em suas missões estas práticas estavam presas a uma hierarquia no caso pentecostal era apenas umas simples questões de fé e iniciática do crente, até a década de 50 a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus eram as únicas desse ramo representativo após anos 50 surgiram outras expressões de fé pentecostal como a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo etc. (ROLIM, 1985, pp. 48-49).

Na igreja do Evangelho Quadrangular os cultos se assemelham a Assembleia, mas bastante flexível a questões de trajas e sexo, não há tanta disciplina, mas o foco principal são as curas, a benção para uma vida saudável, proteção do mal, e o obreiro ou pastor é visto como alguém detentor do sagrado que tem em sus mãos o monopólio de fazer as curas e rituais. Assim os cultos da referida igreja são cheios, porque promete todo tipo de proteção e alívio para as crises existências, desta maneira as instâncias da comunidade religiosa são feitas de Presidente, Secretário, e Tesoureiro, é sempre alguém ligado de fora da International Church of the Foursquare (ROLIM,

1985, p. 51). A Igreja Brasil para Cristo fundada por Manuel de Melo esta comunidade tem um amplo projeto para as massas populares desde a ações sociais, cursos e assistência médica. É a primeira igreja a candidatar pastores para a política desde 1964 chegou a eleger um vereador e deputados (ROLIM, 1985, p. 53). Em relação a essas igrejas pentecostais com forte presença nas camadas pobres Rolim comenta:

> As camadas populares, econômica e culturalmente desapropriadas, não podendo ter um lugar na ordem pública (de cidadania) e no plano político, foram marginalizadas pelo capitalismo liberal. Instalado na ordem privada onde os interesses do homem a um tempo mercantil e livre se fortificavam sob a proteção do Estado, o liberalismo ia criando na ordem pública uma faixa de privilégios. O pentecostalismo, ao canalizar a espontaneidade e emoção da alma religiosa das camadas populares, proporcionou condições para a emergência, no plano religioso, de um espaço público germinador de organizações típicas voltadas, não para a salvação a ser encontrada na sociedade liberal burguesas, mas numa sociedade da salvação pelo poder do Espírito. Neste espaço público de caráter religiosos, elementos saídos das camadas populares veicularam sua cultura popular impregnada de crenças (ROLIM, 1985, p. 53).

O pentecostalismo como comunidade agregadora acolheu a diversidade e os crentes logo foram galgando território nacional, o “Espirito Santo”, foi de encontro da alma do povo simples a religiosidade embasada nas crenças da glossolalia e manifestações do “Espirito” tiveram ressonância à leitura da bíblia e um potencial agregador foi direcionado a conquistar as massas mais vulneráveis da sociedade caráter de intimidade do fiel com Deus e sua devoção o levaram a ter suas próprias espiritualidades pentecostais. Para Rolim (1985) a experiencia pentecostal no Brasil se prende a santificação e as assembleias de reavivamento que mobilizam grupos protestantes no Estados Unidos, desta maneira cria-se uma necessidade do Batismo do “Espírito Santo”. Para se vincular à estas experiencias pentecostais no Brasil inclusive a da Rua Azusa Street, não pode tornar as origens do pentecostalismo brasileiro como um acontecimento que surgiu no exterior, sem dúvida esses acontecimentos tiveram seu valor, mas não podemos associar as origens brasileiras.

O Brasil experimentou um pentecostalismo originado de sua própria cultura, sobretudo com os dons da glossolalia e o batismo do “Espírito Santo”. (ROLIM, 1985, p. 69). Segundo Rolim o pentecostalismo vindo de fora tinha outra perspectiva:

“Numa linha inteiramente diferente, mesmo oposta, o grupo pentecostal dos brancos estadunidense deu particular ênfase ao batismo do Espírito Santo, com glossolalia, e aos dons de cura e de falar línguas estranhas. Não se cantava a libertação dos oprimidos” (ROLIM, 1985, p. 70). Por isso os primeiro pentecostais brasileiros tendo uma vivência tinha um estilo de vida mais voltado para a vivência sacramental, sem abertura para as questões sociais. Nos anos 1950 com a chegada da igreja Quadrangular reforçava mais essa visão, voltada para a cura, a disciplina e os milagres, estas pistas segundo Rolim (1985) são importantes para entendermos a questão social que veio a surgir. A igreja Brasil para Cristo rompe com a visão sacral e exprime modalidades de incursão social. O “pentecostalismo não é um campo uno e uniforme, cobre-se de variadas cores, e o que medrou em nosso meio não trouxe a experiencia originaria, que está nascera com os negros pentecostais” (ROLIM, 1985, p. 71). A tentativa de rompimento com a visão dos pobres marginalizados somente nos anos 50, a linguagem se tornou simples e objetiva os poderes divino, falando a língua do povo para gente do povo, a afirmação encontra na bíblia é apresentada como verdade pela revelação de Deus, a pregação o discurso religioso é vivencial unindo os crentes se encontram para as celebrações as linguagens pentecostais Rolim comenta:

> A proteção divina afastando os perigos e imprevistos, debelando as doenças sem esperança de cura, dando esperança a melhorai material no dia a dia, de tudo isso falam os crentes com exemplos concretos. mas falam ainda de reforma moral, obtida graças ao poder de Deus, e vista por eles como deixar de fumar, de beber, de jogar, de ir a divertimento de ser infiel à esposa de roubar etc. Para que ela efetue, não propõe nenhuma técnica. Simplesmente aceitar Jesus, como costumam dizer, e acreditar no poder do Espírito Santo (ROLIM, 1985, p. 166).

Desta maneira os crentes tem uma mudança de vida real pautado no discurso que vem do pastor a bíblia tem uma força transformadora como um símbolo que veio do céu as pessoas motivadas para fazer mudanças em suas vidas, tudo isso em comunidade que prega que tudo pode naquele que fortalece nesse sentido o templo passa a ser o centro de influência do cotidiano da vida do adapto onde este encontra refugio na hora da aflição lá ele vai encontrar amigos e companheiros de fé, uma palavra encorajadora, tudo aquilo que ele não encontra em sociedade capitalista e

desigual. A vida do fiel é organizada em torno do templo, mas ele também tem uma vida fora, trabalha, estuda, tem família, filhos, problemas etc. O pentecostalismo não é totalmente autônomo sua autonomia é relativa desta maneira são relacionados com as relações de classes e com isso infiltra na vida operaria dos trabalhadores. Podemos ver que o espaço pela qual o pentecostalismo entra é marcado pelas contradições que inserem nas relações de produção, e neste sentido a nossa sociedade se abre para a vida religiosa e é legitimadora e aponta caminhos (ROLIM, 1985, p. 183).

5 Pentecostalismo, promessas e desafios

Waldo Cesar e Richard Shaull[8] em sua obra *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs. Promessas e desafios (1999)*, foi fruto de uma pesquisa interdisciplinar realizada no Brasil entre 1995 e 1997 com o objetivo de extrair dos movimentos neopentecostais e convertidos os impactos sobre a sociedade brasileira. O trabalho desenvolvido por esses pesquisadores na década de 90 na época se travava de uma pesquisa inédita por não ter muitos trabalhos desenvolvidos neste contexto histórico do Brasil. Eles observaram cada um usando seus óculos, um olhar mais sociológico e outro teológico que havia surgido um paradigma novo que o pecado original que culpabilizava os seres humanos em relação a Deus, e que o sacrifício expiatório de Cristo e que a fé era a aceitação do perdão e da graça. O mal agora não é mais interior é exterior que explica a pobreza e as desordem como a luta pela sobrevivência a salvação oferecida é não desesperar, mas com o poder do “Espírito Santo”, a sua vida

[8] Waldo Cesar, jornalista e sociólogo, foi membro do Instituto Ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas. Richard Shaull, doutor em teologia, foi missionário presbiteriano na Colômbia (1942-1950) e no Brasil. (1952-1962). Assumindo a cadeira de professor de Ecumenismo no Princeton theological Seminary Estados Unidos, 1962-1980.

tem significado e alegria. O pentecostalismo surge como uma religião concreta emergida da teologia da prosperidade que se traduz em ações sociais.

A vida cotidiana das pessoas, que não tem nenhum projeto, pois a vida não reserva nada para elas. A experiência do poder do “Espírito Santo” é uma resposta ao sofrimento, desta maneira observaram que mulheres e homens tem uma energia e uma alegria que lhes permite reconstruir sua vida, uma vida onde o “espiritual” e o “material” não são mais separados, o pobre continua sendo pobre, mas conscientizado, articulado para uma transformação social. As igrejas pentecostais no Brasil elas vêm de movimentos de santidade que despareceram nos Estados Unidos no início do século, os nomes dessas igrejas e líderes e o cenário protestante no começo do século tem sido estudado, mas o que importa é relembras o sentido daqueles eventos tendo no itinerário histórico como sociológico e teológico. Nos estados Unidos as datas mais importantes são 1901 Kansas, 1906 Los Angeles e 1907 Chicago. Depois esses olhares chegam ao Brasil 1910 a Congregação Cristã fundada no bairro do Brás em São Paulo, e a Assembleia de Deus em 1911, em Belém. Essas igrejas trouxeram um tipo novo de experiências religiosas e logo se propagou por todo o país (CESAR, SHAULL, 1999, p. 19). Esses movimentos foram motivo de grande escândalo, por se considerarem na época pela imprensa secular de herético de pobres, negros e imigrantes no Brasil certamente houve por parte de algumas igrejas esse mesmo tipo de preconceito.

Essas experiências religiosas feitas de uma espiritualidade com a ênfase na ação do “Espírito Santo”, todos os que havia crido começaram a se manifestar em línguas conforme a orientação do “Espírito Santo” o jovem negro William Seymour na comunidade dos nazarenos, em Los Angeles disse que Deus tinha uma segunda benção e que essa se referia o batismo do “Espírito Santo” esse discurso desse jovem pastor custou a sua expulsão da igreja pela pastora, Neeley Terry também negra.

A fé apostólica *(The Apostolical Faith).* Na rua Azusa Street, 312 ficou formalmente conhecida como o movimento pentecostal e protestantes de vários países ali saíram muitos missionários. Algumas divergências de pastores batistas e com Seymour surgem novas correntes pentecostais. Desta maneira dois convertidos Daniel Berg e Gunner Vingren, através de uma revelação de sonhos e são chamados

a pregar o batismo do “Espírito Santo” no Pará. Logo depois numa biblioteca de Chicago vão para Belém no Brasil em 1911. Muitas notícias a respeito do batismo do “Espírito Santo” e falar em línguas espalharam muito rápido em terras brasileiras (CESAR, SHAULL, 1999, p. 20,21). Com isso o complexo religioso político e cultural levou alguns a criticarem os movimentos pentecostais Waldo Cesar comenta:

> Agora seria o tempo de uma nova manifestação do Espírito, através das várias formas que o pentecostalismo vem assumindo nestes quase cem anos de existência. Não importa a classificação que recebem – seitas, igrejas autônomas, pentecostalismos clássicos, neopentecostalismo, terceira onda etc. Suas características de “religião de massa”, ao lado de um entusiasmo individual e comunitário que mais se aproxima dos tempos da igreja primitiva, constituem, como foi mencionado, um desafio para as igrejas históricas, para a teologia e para o movimento ecumênico em particular (CESAR, SHAULL, 1999, p. 25).

Para Waldo Cesar e Richard Shaull (1999) “esta experiencia emerge nos pentecostalismos, particularmente no pentecostalismo de terceira onda” (CESAR, SHAULL, 1999, p. 13). Essa característica comunitária e individual tem mostrado através do poder do “Espírito Santo” uma transformação tanto em âmbito social na vida do fiel destas comunidades como uma orientação para as crises biográficas. Esse fenômeno tem inspirados autores de filmes novelas e o mundo da ficção que tem dado grande audiências, mas de modo geral as críticas que surgem a respeito dos pentecostais não mostram e não falam a transformação que as pessoas têm em suas vidas concretas e tão pouco vislumbram o espaço social que se abre para aqueles que se entregam de corpo e alma em um desafio de fé e símbolos, e de modo que esse povo remove montanhas e enfrentam os problemas do dia a dia (CESAR, SHAULL, 1999, p. 26). Waldo (1999) conta a sua experiencia que teve na Cidade do Rio de Janeiro ao visitar a Igreja Universal do Reino de Deus, dois jovens bem-vestidos o abordaram enfrente a comunidade religiosa com dois copos de plásticos e o convidou dizendo que era o dia de cura, normalmente a IURD tem dias sacralizados e cada um corresponde uma libertação física ou espiritual. Ele aceitou o convite e entrou na igreja e nas suas observações viu um espetáculo de orações, benção, prosperidade, libertação do alcoolismo, da Umbanda dos ódios, da desgraça, o cotidiano transforma-se num território e espaço de experiências reais e de dimensões da vida e desta maneira transcende a situação que leva muitas pessoas ao desespero

a ficarem calmas encontrarem respostas para suas aflições (CESAR, SHAULL, 1999, p. 40). Cesar comenta:

> Era inevitável a comparação com outros “espaços sagrados”, outros cultos, mais breves, solenes, formais; e com o público de outras igrejas. Nos templos pentecostais, talvez com destaque na Igreja Universal, predominam quase absolutamente os pobres e não são poucos os homens e mulheres negros. Eis aí uma das mais instigantes questões que o avanço pentecostal tem levado. Como compreender essa extraordinária capacidade de gerar encantamento e alegria em vidas desprovidas dos recursos mínimos de realização pessoal e familiar? Como sobrevive toda essa gente? Como a participação numa religião com exigências tão radicais – inclusive financeiras- pode oferecer condições de resistência às muitas formas de adversidade impostas pelo sistema dominante? A que tal esperança contara todas as evidências presentes e futuras? (CESAR, SHAULL, 1999, p. 40).

Essas observações empíricas feita pelo sociólogo Waldo (1999) o levou a criar uma correlação simbólica que ele a chamou de antagonismos semelhantes, que são maneiras de mostrarem suas diferenças, ao começar pela ruptura que levam as igrejas clássicas ou tradicionais, para ele parte da diferença das comunidades pentecostais estão nas diferenças com as igrejas históricas e na sociedade onde as velhas estruturas estão inseridas, Weber apud (Waldo 1999) a classificou como “ruptura” ao se referir a busca da salvação e a ordem institucionalizada (CESAR, SHAULL, 1999, pp. 41-42). Waldo Cesar (1999) ao falar da IURD fez uma metáfora entre o Templo e a Rua, onde existe um espaço sacralizado onde se encontram um distanciamento entre um e outro e paradoxalmente o espaço se traduz ao se referir em compromisso para com quem é preciso ajudar ou salvar. O religioso, muitas vezes também foi como um deles conhecendo os códigos da rua, a metáfora e símbolos onde o templo e rua seguem outras categorias carregada de significações um só espaço de vida. Na experiencia e na pesquisa de campo elaborada por Waldo (1999) a escada do templo e a rua tinha uma ligação espacial e metafórica o fluxo da multidão saindo e entrando estabelece uma certa continuidade territorial e o convite para a entrada, é a calçada que se estende a até o templo lugar de refúgio e para restauração das forças para o cotidiano (CESAR, SHAULL,1999).

Outra característica da IURD é seu poder financeiro e a relação que a igreja tem com os marginalizados IURD é conhecida pelo seu patrimônio os apelos econômicos feito pelos pastores assusta e a afasta muitas pessoas, quem não dar o

dízimo está roubando de Deus e não há outro caminho senão se for através da obediência da palavra e das ofertas alcançarmos as bençãos de Deus, existe muitas críticas em relação a esse discurso da Universal (CESAR, SHAULL, 1999, pp. 51-52).

> "Os crentes não estão necessariamente "comprando" algo (logico do mercado), mas "dando", participando de uma "causa". Segundo o seu raciocínio, isto muda tudo, mesmo que os fiéis estejam pensando no seu bem-estar material. Os valores sagrados têm primazia. O fundamental "é que dar, em vez de comprar, é um gesto de 'desperdício' 'luxo', [...] imaginando que se está consumindo". E esse ato de generosidade cria no ofertante um estilo de vida superior aos fiéis, dar-lhe uma imagem de grandeza moral (CESAR, SHAULL, 1999, p. 55).

A Universal não só oferece ao adepto um discurso de soluções para seus problemas, ou para questões pós morte, mas dar significado a uma vida miserável que muitas pessoas vivem em condições desumana no Brasil as ofertas dão a sensação para o fiel que ele terá um retorno financeiro que vem do alto e como isso dá esperança para continuar sua vida em condições de precariedade. A vida cotidiana é cheia de dificuldades e aflições é algo que pega todos nós, mas quem está abaixo da pobreza acaba sendo mais vulnerável, a falta de perspectivas, de uma vida sem saneamento básico, moradia e condições mínima de vida assola a maioria dos brasileiros por esse caminho o discurso religioso é uma opção e um instrumento de relação de sobrevivência. A dura realidade da existência, como dizemos comumente, e o que a transcende, funde-se numa experiencia única. Vida religiosa e vida cotidiana passam a se entrecruzar, lemos em Berger e Luckmann (CESAR, SHAULL, 1999). Waldo Cesar ainda comenta:

> Na verdade, as soluções vão além do simbólico. A sobrevivência dos pobres, um acontecimento material, mensurável empiricamente, é submetida a outro valor, de ordem sobrenatural e este fato, por si só, aparece oferecer soluções efetivas no âmbito da vida diária. Os próprios objetos de uso pessoal podem transformar-se em símbolos. A bolsa ou a carteira que durante o serviço religiosos são levantadas aos céus, para uma benção especial, retornam para casa com mais do que alguns magros reais: agora são depositarias de uma esperança que permite ao crente até mesmo esvaziá-las em respostas aso apelos do dirigente. A palavra não é dele, vem dos céus (CESAR, SHAULL, 1999, p. 59).

Essa libertação é feita por meio da fé que o fiel tem e no discurso religioso, tanto as palavras que vem do pastor como os utensílios utilizados na igreja são sacralizados viram símbolos e dão uma resposta para a vida cotidiana que se traduz em uma vida religiosa em busca soluções de esperança. Richard Shaull (1999) observou que o mundo dos marginalizados, os pentecostais desenvolveram sua própria teologia a acerca do significado do Evangelho para eles é diferente daquilo que ocorre, nas igrejas católicas e protestantes "André Corten, cientista político belga, autor de um excelente estudo sobre o pentecostalismo no Brasil, compara o "discurso" deles com o das comunidades eclesiais de base" (CESAR, SHAULL, 1999, p. 163). E comenta que os pentecostais foram além delas em várias maneiras, desta forma os de terceira onda atingiram um número de pobres muito maior e especialmente poque surgiram debaixo. O discurso primeiramente não é racional é uma palavra de consolo e emocional. E eles não celebram nem um tipo de igualdade dos pobres que nas comunidades de base, orientam a novas desigualdades mais do lugar e espaço para eles falarem "seu discurso não é de "opção pelos pobres", mas se recusa a aceitar a pobreza e ao invés de focalizar a libertação política, o pentecostalismo fica catástrofe, violência e terror, e as tribulações que precedem o milênio" (CESAR, SHAULL, 1999, p. 163). Para Shaull:

> Isto significa que os pentecostais, como povo pobre, interpretando o Evangelho e proclamando-o com fervor, podem abrir os nossos olhos para aspectos da revelação de Deus que ainda não percebemos? Sem querer julgar esta questão agora, creio que deveríamos pelo menos considerar seriamente algo que os teólogos latino-americanos da libertação e estudiosos da Bíblia afirmaram durante algum tempo: de acordo com as Escrituras, as pessoas pobres e marginalizadas estão em melhor posição que a nossa para servir; compreender e responder à revelação de Deus (CESAR, SHAULL, 1999, p. 164).

Qual o significado de tudo isso os pentecostais com seus recursos e seus pastores encontram na fé sentido e força par enfrentar as tentações e os problemas do dia a dia sempre presente em nossa sociedade. Com a força do "Espírito Santo" são capazes de erguer a cabeça. A presença do "Espírito Santo" como fonte de vida esperança e bem-estar na vida cotidiana dão garantia da vitória das forças maligna e é a resposta imediata das fraquezas, desta maneira a força de Deus está no meio das massas e faz o povo chorar, sentir dor, amar e odiar, sentir fome, mas a presença traz

consigo expectativas de milagres e soluções de situações que venha acontecer e os homens e mulheres respondem com louvor (CESAR, SHAULL, 1999, p. 163). Shaull observou que na IURD “não primeiramente do pecado para o perdão, mas, antes, do esvaziado para o pleno, do arrasado para o prospero, do humilhado para o respeitado, do oprimido para o feliz” (CESAR, SHAULL, 1999, p. 185). Nesse sentido ser salvo é participar de uma luta global e estar mais participativo em um compromisso, o movimento pentecostal de terceira onda para Shaull é o que sabe fazer isto muito bem com seus adeptos “Eu não conheço outro movimento pentecostal que tenha articulado com tanta clareza o paradigma que escrevi acima” (CESAR, SHAULL, 1999, p. 185).

Para a Universal os problemas são superados inclusive os de origem “sobrenatural” os demônios não são obstáculos, o mundo está cheio deles, mas eles podem ser localizados reconhecido pelo nome e serem expulsos no nome de Jesus. Para Edir Macedo “Os que foram transformados pelo Espírito praticam a Palavra de Deus naturalmente. Uma laranjeira não precisa se converter para produziu frutos” (CESAR, SHAULL, 1999, p. 251). Assim os que são guiados pela força inovadora do “Espírito Santo” vão produzir coisas boas e passarão por cima das crises existenciais.

Considerações finais

Procuramos destacar no texto os principais teóricos, que pensaram o neopentecostalismo no Brasil, assim o seu desenvolvimento teológico. Em um primeiro momento, mostramos o contexto histórico, e como essas igrejas, se apropriaram do seu discurso religioso, enfatizando as instituições religiosas que surgiram nas décadas de 1960 e 1970, com o surgimento da terceira onda.

Percebemos as mudanças éticas de doutrina desses movimentos, onde o pentecostalismo, tinha uma visão mais imaterial, enquanto os neopentecostais se apropriaram do discurso da teologia da prosperidade colocando a ênfase no “aqui e agora.” Nesse sentido, o texto apontou como essas igrejas tidas como instituições do “Espírito Santo” teve uma importante função da sociedade brasileira. E por fim as

promessas e desafios, que movimentos pentecostais trariam na vida social daqueles que o buscam.

Referências

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil***:* uma interpretação sócioreligiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMPO, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e mercado***:* organizações e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis/ São Paulo/ S. Bernardo do Campo: Vozes / Simpósio/ UMESP, 1977.

CESAR, Waldo & Shaull, Richard. **Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs***.* Promessas e Desafios. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRESTON, Paul. **Breve histórico do pentecostalismo brasileiro** In: ANTONIAZZI, A.et al. Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 67-159.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais***:* Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2014.